



## Percurso da semiótica por meio das obras de Greimas

Arnaldo Cortina\*

**Resumo:** Como forma de homenagear um autor que teve e ainda tem grande importância para os estudos do discurso e da significação, o caminho escolhido foi seguir os registros de seu pensamento e de suas propostas ao longo das diferentes obras que publicou em vida. Sem a intenção de fazer uma apresentação exaustiva e aprofundada de todos os textos de Greimas, busca-se guiar o leitor no trajeto que a semiótica do discurso traçou ao longo dos seus anos de vida e nele despertar o interesse por uma proposta teórico-metodológica de tal envergadura e rigor científico.

**Palavras-chave:** Greimas, semiótica, percurso bibliográfico, epistemologia

Cem anos atrás, em 9 de março de 1917, nascia Algirdas Julien Greimas, em Tula, na Lituânia, que na época fazia parte do território russo. Apesar de ter cursado direito em seu país, em 1936 viaja a Grenoble para estudar linguística, onde permanece até 1939, ano em que precisou retornar a seu país para cumprir o serviço militar. Mais tarde retorna à França, leciona em diferentes lugares, mas, nos anos 1960, fixa-se em Paris, cidade em que aprofunda suas pesquisas em torno da proposta de constituição das bases da semiótica.

Sua inserção nos estudos linguísticos ocorre no campo de lexicografia e de lexicologia, área de grande interesse dos estudiosos da língua naquele período. Seu doutorado de estado, existente à época em que se formou, em 1948, defendido na Faculdade de Letras da Universidade de Paris, compreendeu uma tese principal, fruto de uma pesquisa mais longa, intitulada “La mode en 1830. Essai de description du vocabulaire vestimentaire d’après les journaux de mode de l’époque” [A moda em 1830. Ensaio de descrição do vocabulário da vestimenta a partir das revistas de moda da época], e uma tese secundária, decorrente de um trabalho mais curto, cujo título era “Quelques reflets de la vie sociale en 1830 dans le vocabulaire des journaux de mode de l’époque”<sup>1</sup> [Alguns reflexos da vida social em

1830 no vocabulário de revistas de moda da época]. O doutorado de estado era então condição para que o pesquisador se tornasse professor universitário habilitado a orientar pesquisas e para obter um posto de pesquisador no órgão público de pesquisa da França, o CNRS – Centre National de la Recherche Scientifique.

O prefácio de Michel Arrivé, que aparece na edição dessas teses publicadas em 2000, contextualiza o trabalho desenvolvido por Greimas e destaca que, mesmo realizando um trabalho de lexicógrafo, o autor já esboçava seu projeto de construção da semiótica: “Nada nos impede, aliás, de observar nelas [as duas teses de Greimas], ainda que em filigrana, algumas das preocupações que, paulatinamente, virão a explicitar-se, dando origem à semiótica” (Greimas, 2000, p. XV)<sup>2</sup>.

A observação de Arrivé é facilmente identificada quando se lê a tese de Greimas. Em *La mode en 1830*, por exemplo, além de seu corpus de pesquisa corresponder a textos (as revistas do final do ano de 1829 até o término de 1830), sua preocupação não consiste apenas em levantar o significado de cada lexema que designava qualquer peça da vestimenta utilizada na época. Em seu registro há presença do traço narrativo, bem como a inscrição dos valores investidos nos objetos da vestimenta de uso à época e do contexto histórico em que estavam inseridos, como se pode

\* Professor livre-docente do Departamento de Linguística da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Araraquara, e ex-diretor dessa mesma unidade. É um dos coordenadores do Grupo de Pesquisa em Semiótica da UNESP (GPS). Bolsista produtividade (PQ-2) do CNPq. Endereço para correspondência: ( cortina@fclar.unesp.br ).

<sup>1</sup> A publicação dessas duas teses, que não têm tradução para o português, ocorrerá somente cinquenta e dois anos depois de serem defendidas por seu autor, conforme, Greimas, A. *La mode en 1830*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

<sup>2</sup> Tradução nossa para o trecho original: “Il n’est pas impossible, ensuite, d’y repérer, mais le plus souvent en creux, quelques-unes des préoccupations qui, progressivement, vont se faire jour et faire naître la sémiotique”.

observar no seguinte trecho, em que fala sobre os chapéus masculinos.

As mechas de cabelos, dispostas com arte, devem sustentar o chapéu, cujo porte está longe de ser insignificante: “Ponha o chapéu demasiadamente para trás – escreve Balzac – e você parecerá insolente; ponha-o muito para a frente, parecerá sonso; ponha-o de lado e terá um ar impertinente”. Esta última maneira, que deixa ver na parte descoberta uma mecha abundante de cabelos crespos, é que deve evidentemente ser adotada pelo *fashionable*. Pelo menos três chapéus são indispensáveis para o homem minimamente atento a seu vestuário: um de cor cinza para o campo, um outro preto para a cidade e um terceiro, uma cartola, para o baile. Só os dois primeiros, diferentes apenas na cor, são em geral adotados pelos homens de todas as condições. As cartolas se usam unicamente em traje formal: são chapéus de forma geralmente alta, com abas largas, tendo sido introduzidos na França ao final do século XVIII, quando suplantaram o tricórnio Luís XV vigente até então. Reencontramos-as, sob a denominação de chapéus americanos ou chapéus “à la Independência”, nos princípios da Restauração, e o uso desses chapéus altos continua, até 1830, experimentando, com a evolução da moda, como é previsível, algumas alterações de detalhe, sem que se tenha modificado sua forma essencial. (Greimas, 2000, p. 31)<sup>3</sup>

Nos dizeres de Arrivé, o que se pode identificar no trabalho de Greimas é um projeto ambicioso que consiste em realizar uma lexicologia social histórica (Greimas, 2000, p. XV). Por outro lado, sem conhecer ainda Ferdinand Saussure, sua proposta parte de um exame sincrônico do fato analisado. O que ele propõe examinar é o sistema subjacente à moda em voga ao longo do ano de 1830. Sem ter conhecimento ainda do linguista genebrino, segundo relato de Arrivé, Greimas tem consciência da distinção que o autor fez no *Curso de Linguística geral* (1975 [1916]), entre a perspectiva da linguística sincrônica e a da linguística diacrônica.

Para melhor assinalar essa oposição [entre uma linguística evolutiva e outra estática], porém, e esse cruzamento das duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto, preferimos falar de Linguística *sincrônica* e de Linguística *diacrônica*. É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução. (Saussure, 1975, p. 96)

Da mesma forma que Saussure, o que se revela no estudo sobre a moda realizado por Greimas em seu

doutorado de estado é o princípio de que existe um sistema determinante do sentido do discurso que veicula os ditames da moda no final do século XIX, embora isso não esteja ainda muito claramente apontado em seu texto. Relembrando, uma vez mais, Saussure, é o conceito de língua enquanto sistema, oposto ao de linguagem, que está em jogo.

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe inferir sua unidade.

A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presa a nenhuma outra classificação. (Saussure, 1975, p. 17)

Em 1966, Greimas publica o livro *Sémantique structurale: recherche de méthode*<sup>4</sup>. Apesar do registro de que a editora houvesse sugerido o adjetivo “estrutural” no título da obra, pois, àquela época, era um termo bastante valorizado nas diferentes ciências e, especialmente, nas humanidades, é possível perceber que essa obra apresenta uma pesquisa e a criação de um método para estudar a significação, tal como fica explicitado no subtítulo. É nela que Greimas irá propor as bases da teoria semiótica, quando esboça o percurso gerativo do sentido. A presença da perspectiva estruturalista é evidente nessa obra, que, do ponto de vista linguístico, propõe examinar a significação para as ciências humanas por meio de um processo de classificação, de descrição e de imanência.

A partir da constatação de que os estudos semânticos eram muito pobres até então, decorrentes do retardamento histórico de suas pesquisas, das dificuldades inerentes à definição de seu objeto de investigação e da crescente “onda” formalistas que se instaura nas ciências do final do século XIX e início do XX, em *Sémantique structurale*, Greimas afirma que seu projeto enfrenta dificuldades teóricas e práticas.

As primeiras provêm das dimensões consideráveis de seu empreendimento: se é verdade que a semântica deve encontrar seu lugar na economia geral da linguística e aí integrar-se com seus postulados e o corpo de seus conceitos instrumentais, cumpre-lhe ao mesmo tempo

<sup>3</sup> Tradução nossa para o trecho original: “Les boucles de cheveux disposées avec art doivent supporter le couvre-chef dont le port est loin d’être une chose insignifiante: «Mettez le chapeau un peu trop en arrière – remarque Balzac – vous avez l’air effronté; mettez-le trop en avant, vous avez l’air sournois; de côté, l’air devient cavalier». C’est de toute évidence, cette dernière manière qui, laissant voir du côté découvert une touffe abondante de cheveux crêpés, doit être adoptée par le *fashionable*. Trois chapeaux au moins sont indispensables à l’homme tant soit peu soucieux de son costume: un *grispoir* la campagne, un autre *noir* pour la ville, et le troisième, *en claque*, pour le bal. Seul les deux premiers, qui ne diffèrent que par leur couleur, sont généralement adoptés par les hommes de toute conditions, les *clagues* n’étant employés que dans la *grande tenue*: ce sont des chapeaux de *forme* généralement haute, à *bords* larges, que ont été introduits en France à la fin du XVIII<sup>e</sup> siècle, supplantant le tricorne Louis XV porté jusqu’alors. Nous les retrouvons, sous le nom de chapeaux *américains*, ou chapeaux à *l’Indépendance*, au début de la Restauration, et nous voyons le port de ces chapeaux *hauts de forme* poursuivre jusqu’en 1830, subissant, comme de juste, au cours de l’évolution de la mode, certains changements de détail, sans que l’essentiel de leur forme soit altéré».

<sup>4</sup> Edição em português: Greimas, A. J. *Semântica estrutural*. Pesquisa de método. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1976.

visar a um caráter de generalidade suficiente para que seus métodos, que estão para ser elaborados, sejam compatíveis com qualquer outra pesquisa que vise à significação. Em outros termos, se a semântica tem por objeto de estudo as línguas naturais, a descrição destas faz parte dessa ciência mais vasta da significação que é a semiologia, no sentido saussuriano do termo.

As segundas são relativas ao destinatário eventual de suas reflexões. A necessidade de formalização, a insistência na univocidade das pesquisas, por uma neologia das denominações e por redundância das definições que se pretendem umas mais rigorosas que as outras; esse tateamento pré-científico só pode parecer igualmente pedante e supérfluo ao destinatário cujo sistema de referências culturais é literário ou histórico. Mas parecerá, com justiça, insuficiente e excessivamente «qualitativo» aos lógicos e aos matemáticos, que constituem um grupo de sustentação e de pressão que a linguística não pode deixar de considerar. Assim, mergulhado entre exigências práticas contraditórias, o autor só pode escolher, com o risco de descontentar a todos, o caminho mediador, a fim de se fazer compreender por ambos os lados: se lhe parece evidente que sem o auxílio da lógica matemática, e da lógica simplesmente, a semântica só pode permanecer na contemplação dos seus próprios conceitos gerais, do mesmo modo, ele tem consciência de que uma iniciação semântica que não vise às ciências humanas e, em plena reviravolta, as ultrapasse, permanecerá, por muito tempo, como prática de igreja. (Greimas, 1976, p. 14)

Ao longo de sua exposição relativamente à investigação do processo de significação, que trata da estrutura elementar da significação, da linguagem e do discurso, da manifestação da significação, do nível semiológico, da isotopia do discurso, da organização do universo semântico, da descrição da significação e de seus procedimentos, dos modelos actanciais, chega à proposta de modelos de transformação, culminando assim no desenho do percurso gerativo de sentido que estaria mais bem definido no *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, de 1979, escrito juntamente com Joseph Courtés. Para concluir seu percurso, que enfrentou, como acima apontado, dificuldades teóricas exaustivamente examinadas ao longo dos dez capítulos que compõem o núcleo teórico de seu livro, aparece na sua etapa final, portanto, no último capítulo, uma aplicação do modelo descritivo da investigação semântica, quando dialoga com o trabalho de Tahsin Yücel a respeito das obras de Georges Bernanos. O texto, intitulado *L'imaginaire de Bernanos*, é resultado de um doutorado realizado na Faculdade de Letras de Istambul. Esse último capítulo constrói-se como resposta ao enfrentamento das dificuldades práticas da investi-

gação em semântica, tal como registramos na citação acima.

Dois anos após a publicação de *Sémiotique structurale*, em novembro, Greimas termina a redação do *Dictionnaire de l'ancien français jusqu'au milieu du XIV<sup>e</sup> siècle*, que será impresso e lançado no ano seguinte. No dicionário, não há qualquer referência a sua proposta para a construção de uma teoria semiótica, mesmo porque trata-se de um trabalho lexicográfico, ao qual o autor faz menção no prefácio.

O usuário eventual deste dicionário não há de encontrar, subjacente a sua elaboração, uma teoria lexicográfica bem consolidada: no estágio atual de nossos conhecimentos linguísticos, parece difícil conceber semelhante teoria. De fato, parece cada vez mais evidente que a palavra-lexema, unidade de base de um dicionário, não é pertinente para uma descrição sistemática dos conjuntos semânticos. Os procedimentos modernos – a abordagem sintagmática, na qual o sentido das palavras se esclarece apenas pela utilização dos contextos, ou a abordagem definicional, na qual uma classificação coerente dos conceitos definidores é introduzida previamente – só podem ser aplicados e testados em vastos *corpora* com vistas à elaboração de dicionários gerais. (Greimas, 1969, p. V)<sup>5</sup>

Três páginas mais à frente, no mesmo prefácio, Greimas irá novamente utilizar o termo semântica para se referir à forma como as entradas do dicionário foram construídas.

Por fim, partindo do princípio de que o usuário do dicionário não é um leitor esporádico, e sim permanente, e de que ele irá se familiarizando aos poucos com suas disposições gerais, tomamos a liberdade de introduzir na explicação semântica certas elipses e subentendidos: por exemplo, pareceu-nos supérfluo explicitar a cada ocorrência esta propriedade do verbo do francês arcaico, segundo a qual ele pode, a depender dos contextos, assumir um sentido ativo, passivo ou factitivo. (Greimas, 1969, p. VIII)<sup>6</sup>

Entre a obra anterior e o dicionário do francês antigo não há indícios de conexão. Apenas parece que o dicionário foi o resultado de um trabalho que estava em curso anteriormente e que não tinha um liame mais claro com as preocupações do autor em torno da construção da semiótica. Esse dicionário retoma a voz do lexicógrafo, ocultando o estudioso da linguística que se voltara para os problemas da significação em uma outra perspectiva.

<sup>5</sup> Tradução nossa para o trecho original: “L'utilisateur éventuel de ce dictionnaire ne trouvera pas une théorie lexicographique assurée sous-jacente au travail de sa confection: dans l'état actuel de nos connaissances linguistiques, une telle théorie semble difficile à concevoir. En effet, il paraît de plus en plus évident que le mot-lexème, unité de base du dictionnaire, n'est pas pertinent pour une description systématique des ensembles sémantiques. Les procédures modernes: l'approche syntagmatique où le sens des mots s'éclairerait par la seule utilisation des contextes, l'approche définitionnelle où une classification cohérente des concepts définissants serait préalablement mise en place, ne peuvent être tentées et éprouvées que sur des corpus considérables et en vue de dictionnaires généraux».

<sup>6</sup> Tradução nossa para o trecho original: “En partant du principe, enfin, que l'utilisateur du dictionnaire n'est pas un lecteur accidentel, mais permanent, et qu'il se familiarisera progressivement avec ses dispositions générales, on s'est permis d'introduire dans l'explication sémantique un certain nombre d'ellipses et de sous-entendus: ainsi, il nous a paru abusif d'explicitier chaque fois cette propriété du verbe de l'ancien français selon laquelle il peut, suivant les contextes, prendre le sens actif, passif, ou factitif».

Em 1970, Greimas lança *Du sens*. Essais sémiotiques<sup>7</sup>, que reúne quinze textos escritos por ele ao longo dos anos 1960. No primeiro, cujo título dá nome ao livro (*Du sens*), Greimas retoma a proposta de uma semiótica interpretativa, tal como havia procurado estabelecer em sua obra de 1966 e reforça o projeto de construção de uma semiótica formal, tal como se percebe no parágrafo final desse primeiro texto da coletânea.

Ao lado de uma semântica interpretativa, cujo direito de existência não é mais contestado, a possibilidade de uma semiótica *formal*, que procuraria dar conta apenas das articulações das manipulações de quaisquer conteúdos, define-se cada vez mais. Determinar as múltiplas formas da presença do sentido e os modos de sua existência, interpretá-los como instâncias horizontais e níveis verticais da significação, descrever os percursos das transposições e transformações de conteúdos, são tarefas que, hoje em dia, já não parecem utópicas. Só uma semiótica de formas como esta poderá surgir, num futuro previsível, como a linguagem que permite falar do sentido. Porque a forma semiótica é exatamente o sentido do sentido. (Greimas, 1975, p. 17)

De maneira geral, o conjunto desses quinze textos descreve de maneira mais completa os elementos que fazem parte dos níveis fundamental e narrativo do percurso gerativo de sentido da proposta teórico-metodológica da semiótica originária dos trabalhos de Algirdas Julien Greimas.

De modo sucinto, para fazer um breve registro do que é abordado nesses textos e que realiza o projeto acima registrado, apontamos o tema central de discussão de cada um deles.

No segundo texto do livro, intitulado “*Considérations sur le langage*” [Considerações sobre a linguagem], escrito inicialmente em 1966, para a participação de Greimas no II Simpósio Internacional de Semiologia, na Polônia, ao discutir a questão da linguagem, o autor afirma seu compromisso com o estatuto científico do objeto do conhecimento por meio da proposta da semiótica. Para tanto, faz várias referências ao modelo proposto por Hjelmslev. Em “*La structure sémantique*” [A estrutura semântica], comunicação apresentada no simpósio organizado pela Wenner-Oren Foundation sobre *Cognitive Studies and Artificial Intelligence Research*, em Chicago, em 1969, destacamos o seguinte trecho, que consideramos conter sua ideia central:

A questão do estatuto estrutural da significação só se coloca no projeto de sua descrição científica. O semanticista pode assumir a hipótese estrutural afirmando quer a existência de uma estrutura semântica organizadora do universo do sentido, quer a postulação de tal estrutura com vistas à investigação do universo semântico. As consequências práticas serão as mesmas: o semanticista terá que elaborar uma teoria que lhe permita construir os modelos formais correspondentes à

estrutura semântica preexistente (ou suscetíveis de dar conta dos universos semânticos dados), e uma metateoria epistemológica que possibilite apreciar a adequação destes modelos. (Greimas, 1975, p. 36)

No quarto texto, intitulado “*Conditions d’une sémiotique du monde naturel*” [Condições para uma semiótica do mundo natural], publicado inicialmente na *Langage* n° 7, de junho de 1968, número consagrado às práticas e às linguagens gestuais, partindo da problemática da questão da comunicação visual, Greimas explicita a proposta da semiótica, que consiste em abarcar todas as formas e todas as manifestações da significação. O texto seguinte, “*Pour une sociologie du sens commun*” [Para uma sociologia do bom-senso], publicado originalmente, em italiano, na *Rassegna italiana di sociologia*, em 1968, trata dos sistemas conotativos propostos por Hjelmslev e relaciona-os ao projeto da semiótica. No sexto capítulo, intitulado “*Structure et histoire*” [Estrutura e história], publicado inicialmente em *Les temps modernes*, n° 246, em 1966, novamente Greimas refere-se à obra de Hjelmslev e procura mostrar que a relação entre a história e a linguística só se torna possível a partir do momento em que as duas áreas do conhecimento observam o conceito de estrutura, como se evidencia no último parágrafo do texto.

Acreditamos que [...] esgotamos as principais possibilidades de extrapolação metodológica que poderíamos abordar, sem excesso de otimismo, no momento atual. Essa tentativa de comparação não pôde deixar de evidenciar as lacunas e as carências do estruturalismo, assim como aquelas da conceptualização da história: a tarefa de integrar a história na metodologia das ciências sociais só poderá ser bem conduzida se a ciência histórica demonstrar semelhante cuidado em acolher dentre seus conceitos de base, o conceito de estrutura. (Greimas, 1970, p. 114-115)

No sétimo texto do volume, “*La mythologie comparée*” [A mitologia comparada], publicado em *L’Homme*, em 1963, com o título “*La description de la signification et de la mythologie comparée*” [A descrição da significação e da mitologia comparada], Greimas procura explorar os elementos do nível fundamental do percurso gerativo de sentido, mostrando que a mitologia serve como uma metalinguagem natural das estruturas semióticas. O texto seguinte, “*Les jeux des contraintes sémiotiques*” [O jogo das restrições semióticas], publicado na *Yale French Studies*, n° 41, em 1968, com o título “*The interaction of semiotic constraints*” [A interação das restrições semióticas], vale-se de uma demonstração breve, em sua abertura, sobre o percurso gerativo de sentido, para, em seguida, centrar-se na exposição dos elementos das estruturas profundas do chamado nível fundamental do percurso gerativo

<sup>7</sup> Edição em português: Greimas, A. J. *Sobre o sentido*. Ensaios semióticos. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar et alii. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

de sentido, descrevendo-o de forma mais sistemática e completa a partir do esboço apresentado em *Sémiotique structurale*. No nono texto, intitulado “Éléments d’une grammaire narrative” [Elementos de uma gramática narrativa], publicado inicialmente em *L’Homme*, em 1969, Greimas faz referência aos trabalhos de Vladimir Propp sobre o folclore e o de Lévi-Strauss sobre o mito para esboçar uma descrição dos elementos das estruturas narrativas do percurso gerativo de sentido do modelo semiótico. No décimo texto, “Pour une théorie de l’interprétation du récit mythique” [Por uma teoria de interpretação da narrativa mítica], escrito para uma homenagem a Claude Lévi-Strauss e publicado na revista “Communications”, nº 8, de 1966, Greimas faz uma leitura semiótica do mito de forma geral e do mito bororo em particular, explicitando, uma vez mais, as estruturas fundamentais e narrativas. “La quête de la peur. Réflexion sur un groupe de contes populaires” [A busca do medo. Reflexão sobre um grupo de contos populares], também escrito para uma homenagem a Claude Lévi-Strauss, que seria publicado por aquela época, constrói-se a partir de dois objetivos, conforme vem explicitado no seu início: desenvolver os estudos dos modelos narrativos e examinar as relações entre folclore e mitologia. O décimo segundo texto, “La structure des actants du récit. Essai d’approche générative” [A estrutura dos actantes da narrativa. Tentativa de abordagem gerativa], já havia sido publicado em uma revista estrangeira, cuja data desconhecemos. Seu propósito central consiste em examinar “se, a partir de uma estrutura de base, podemos dar conta ao mesmo tempo da geração dos actantes de uma narrativa e do número de narrativas possíveis segundo a distribuição diferenciada desses actantes” (Greimas, 1975, p. 234). O texto “La linguistique structurale et la poétique” [A linguística estrutural e a poética], publicado primeiramente em *Revue Internationale des sciences sociales*, em 1967, é décimo terceiro na coletânea e propõe examinar o objeto poético, a relação entre expressão e conteúdo nele presente, as especificidades da poesia, para, ao final, destacar os elementos de sua estrutura profunda. O décimo quarto, “L’écriture cruciverbiste” [A escritura cruciverbista], publicado em homenagem a Roman Jakobson, em *Le Hayle-Paris*, em 1967, descreve os procedimentos da comunicação das palavras cruzadas em relação à comunicação poética, por meio do exame da manifestação sintática do conteúdo semântico do texto. No último texto do livro, “Les proverbes et les dictons” [Os provérbios e os ditos populares], publicado primeiramente em *Cahiers*

*de Lexicologie*, em 1960, sob o título “Idiotismes, proverbes, dictons” [Idiomatismos, provérbios, ditos populares], Greimas examina o estatuto autônomo dos provérbios e dos ditos populares que se incorporam a um enunciado, para defender que, ao citar um provérbio e um dito, o locutor de um discurso realiza um processo de acoplamento de enunciações distintas.

A coletânea que reúne textos escritos por Greimas entre os anos 1960 e 1970, publicada sob o título de *Du sens* (1970), apresenta o desenvolvimento do pensamento do autor relativamente ao projeto teórico-metodológico de uma semiótica que se volta para a significação do texto em diferentes formas de linguagem. Nesse período, portanto, o que se pode constatar é que a proposta do percurso gerativo de sentido vai sendo mais bem descrita e os elementos que compõem o nível fundamental e o narrativo vão se adensando mais, enquanto o nível discursivo, embora previsto, ainda mostre-se mais incipiente.

Em 1976, vem a público o livro *Maupassant: la sémiotique du texte, exercices pratiques*<sup>8</sup>. Tomando como texto básico de análise o conto *Deux amis*, de Guy de Maupassant, Greimas propõe um exame de sua constituição significativa, no qual se aplicam os princípios constitutivos do percurso gerativo de sentido, com destaque, principalmente, para a importância do procedimento de segmentação.

Se existe um campo em que as pesquisas semióticas parecem ter conquistado um lugar próprio, é sem dúvida o da organização sintagmática da significação. Evidentemente, não se trata nem de um saber indiscutível, nem de aquisições definitivas, e sim de uma maneira de abordar o texto, dos procedimentos de sua segmentação, do reconhecimento de certas regularidades e, sobretudo, de modelos de previsibilidade da organização narrativa, modelos aplicáveis, em princípio, a todo tipo de textos e até mesmo, a partir de extrapolações justificáveis, a sequências, mais estereotipadas ou menos, de comportamentos humanos. (Greimas, 1976a, p. 7)<sup>9</sup>

Nessa obra, novamente o que se sobressai é o exame dos elementos narrativos de sua proposta para o modelo do percurso gerativo, com referência explícita aos trabalhos de Vladimir Propp, que impulsionaram a descrição e a constituição do patamar narrativo do percurso gerativo.

A retomada do trabalho de Propp e, sobretudo, sua inserção no campo de investigação inaugurado pelas análises mitológicas de Dumézil e Lévi-Strauss, abriram caminho para esses estudos. A aparente simplicidade das estruturas narrativas que Propp reconhecia nos contos populares e a feliz escolha de seu campo de manobra justificam esse retorno triunfal: o conto maravilhoso infantil presta-se, em sua evidência, à clareza da demonstração.

<sup>8</sup> Edição em português: Greimas, A. J. *Maupassant. A semiótica do texto: exercícios práticos*. Tradução Teresinha Oennig Michels e Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.

<sup>9</sup> Tradução nossa para o trecho original: “S’il est un domaine où les recherches sémiotiques semblent avoir réussi à établir leurs quartiers, c’est bien celui de l’organisation syntagmatique de la signification. Il ne s’agit là, bien sûr, ni d’un savoir certain ni d’acquis définitifs, mais d’une manière d’approcher le texte, des procédures de sa segmentation, de la reconnaissance de quelques régularités et surtout des modèles de prévisibilité de l’organisation narrative, modèles qui s’appliquent, en principe, à toutes sortes de textes et même, à la suite d’extrapolations qui paraissent justifiées, à des enchaînements, plus ou moins stéréotypés, de comportements humains».

Desde então, mediante alguns remanejamentos e generalizações, estivemos trabalhando a partir desse legado proppiano. (Greimas, 1976a, p. 7-8)<sup>10</sup>

No prefácio que abre o livro, Greimas afirma a impossibilidade de se estabelecer uma tipologia de textos: “Não só não existe texto que seja a realização perfeita de um gênero, mas, como organização acrônica, o gênero é logicamente anterior a toda manifestação textual” (1976, p. 11)<sup>11</sup>. Seu ponto de vista sobre o gênero textual decorre, portanto, da proposta de que a semiótica discursiva, termo que aparece explicitado também nesse preâmbulo, à página nove, é uma proposta teórico-metodológica capaz de ser aplicada a qualquer tipo de texto, indiferentemente do gênero a que pertença. O fato de examinar um texto literário, como é o caso do conto de Maupassant, decorre, como ele mesmo declara, do fato de, até então, o grupo por ele liderado, responsável pela construção do projeto da semiótica, voltar-se, na sua grande maioria, para o estudo desse tipo de texto: “Nesse campo, metodologicamente circunscrito, da análise dos discursos narrativos, é a semiótica literária que, pelo número de pesquisadores e pela qualidade de seus trabalhos, ocupa o primeiro lugar, sendo este ao mesmo tempo o que mais se expõe tanto aos elogios quanto às críticas” (Greimas, 1976a, p. 8)<sup>12</sup>.

Duas características são, portanto, marcantes até os anos 1970 para o desenvolvimento do modelo da semiótica discursiva pensada por Greimas. Por um lado, o foco na narratividade propriamente dita, embora já se tenha consciência, nessa época, de que esse é um princípio inerente a qualquer tipo de texto, não apenas do texto narrativo. Por outro, o fato de que a maior parte dos trabalhos que a equipe liderada por Greimas desenvolve trata de questões próprias ao texto literário. É por essa razão que a proposta teórico-metodológica pensada pelo pesquisador lituano erradicado na França é conhecida por muitos nessa época como semiótica narrativa.

Por sua vez, no mesmo ano da aplicação do modelo de análise semiótica ao conto de Maupassant, é publicado, também em 1976, *Sémiotique et sciences sociales*<sup>13</sup>, uma nova coletânea de textos escritos por Greimas entre os anos de 1969 e 1972. Essa nova obra do semioticista é composta por cinco partes. Na

primeira delas, intitulada “Du discours scientifique en sciences sociales” [O discurso científico em ciências sociais], que corresponde ao único texto inédito da obra, provavelmente produzida no ano de 1976, o autor apresenta os então recentes avanços da proposta teórico-metodológica da semiótica discursiva, ressaltando tratar-se de um fazer científico em processo. Para tanto, discute os princípios taxonômicos da constituição da ciência para, em seguida, tratar do discurso veridictório e do referencial, culminando com considerações sobre o discurso científico e a ideologia. No que diz respeito especificamente ao estatuto do discurso científico, faz a seguinte afirmação:

É no quadro de tal discurso [o científico] que se situa o *progresso científico*, definido como o desenvolvimento sintagmático de um fazer produtor e transformador, transmissível e reintegrável, sob a forma de referente, nos discursos futuros. Percebe-se que semelhante concepção do progresso é o oposto do mito e da ideologia tradicional do progresso, que aparecem em circunstâncias históricas denominadas e epistemicamente determináveis. Do mesmo modo, a ideia de progresso, tal como se aplica à ciência, não pode aplicar-se às ideologias. Seria absurdo falar de progressos ideológicos: as ideologias comparam-se, confrontam-se e negam-se, não se encadeiam nem progredem. Ao instituir as descontinuidades epistêmicas, Michel Foucault nada mais faz que tirar as consequências dessa constatação. (Greimas, 1981, p. 31)

Na segunda parte da obra, cujo título é “La communication sociale” [A comunicação social], aparecem dois textos resultantes de duas conferências proferidas por Greimas. O primeiro, “Sémiotique et communications sociales” [Semiótica e comunicações sociais], é escrito para ser apresentado durante a Conferência Nacional sobre o estado e as tendências da pesquisa sobre comunicação de massa daquela época, em 1970, em Milão, e publicado no *Annuario 1970* do Instituto Agostino Gemelli, também de Milão. O segundo “Des modèles théoriques en socio-linguistique” [Modelos teóricos em sócio-linguística], reproduz a conferência proferida por Greimas nas *Jornadas internacionais de sociolinguística*, encontro organizado pelo *Instituto Luigi Sturzo* de Roma, em 1969. No primeiro texto o autor discute a perspectiva dos estudos das comunicações de massa, para o qual propõe a criação de uma sócio-semiótica discursiva que seja responsável pela análise das questões voltadas para as problemáticas da sociedade, o que será desenvolvido mais tarde por

<sup>10</sup> Tradução nossa para o trecho original: “La reprise du travail de Propp, et surtout son insertion dans le champ de recherches ouvert par les analyses mythologiques de Dumézil et de Lévi-Strauss, ont rendu possibles ces études. La simplicité apparente des structures narratives que Propp a reconnues dans les contes populaires, le choix heureux de son terrain de manœuvre, expliquent ce retour triomphal: le conte merveilleux de l'enfance, prête volontiers son évidence à la limpidité de la démonstration. Depuis, nous avons travaillé, non sans quelques réarrangements et généralisations, et nous continuons à travailler sur cet acquis proppien».

<sup>11</sup> Tradução nossa para o trecho original: “Non seulement il n'existe pas de texte qui soit la réalisation parfaite d'un genre, mais en tant qu'organisation achronique le genre est logiquement antérieur à toute manifestation textuelle”.

<sup>12</sup> Tradução nossa para o trecho original: “Dans ce domaine, méthodologiquement circonscrit, de l'analyse des discours narratifs, c'est la sémiotique littéraire qui, par le nombre de chercheurs et la qualité de leurs travaux, occupe la première place, la plus exposée aussi, à la fois aux éloges et aux critiques”.

<sup>13</sup> Edição em português: Greimas, A. J. *Semiótica e ciências sociais*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981.

Eric Landowski, um de seus colaboradores à época. No segundo, discute a formulação de uma sociolinguística capaz de examinar as questões voltadas para os estudos das comunidades linguísticas das sociedades humanas, sem abordar especificamente as questões da semiótica.

A terceira parte, que recebe o nome de “La construction d’objets sémiotiques” [A construção dos objetos semióticos], corresponde a dois textos de aplicação dos princípios teórico-metodológicos da semiótica discursiva. O primeiro texto tem como título “Analyse sémiotique d’un discours juridique. La loi commerciale sur les sociétés et les groupes de sociétés” [Análise semiótica de um discurso jurídico. A lei comercial sobre as sociedades e os grupos de sociedade] e corresponde ao resultado de um trabalho realizado por ele e por Eric Landowski, em 1970, a pedido do Centro de Pesquisa sobre o Direito das Transações, da Câmara de Comércio e Indústria de Paris. Esse trabalho, que examina o processo de constituição do sentido de um texto não literário, foi produzido por Greimas antes de o autor haver escrito o livro em que faz uma análise detalhada do conto de Maupassant, anteriormente abordado. Nele examina a linguagem jurídica e desenvolve mais detalhadamente um conceito importante para a semiótica da época, qual seja, o actante coletivo. Para tanto, vale-se dos trabalhos de Brøndal, quando esse autor distingue a totalidade da unidade, o integral do partitivo. O segundo texto dessa terceira parte intitula-se “Pour une sémiotique topologique” [Por uma semiótica topológica] e corresponde à introdução do volume em que são publicadas as comunicações realizadas durante o colóquio sobre *Semiótica do espaço*, organizado pelo Institut de l’environnement de Paris, em 1972, e publicado em 1974. Nele o autor discute a noção de espaço e focaliza especificamente o espaço topológico da cidade, de forma a desenvolver abordagens metodológicas que expliquem o modelo ideológico da cidade, bem como pensa numa gramática da cidade-enunciado e numa enunciação da cidade, pois assim, segundo Greimas, seriam instaurados os discursos topológicos.

“Les intrusions” [Intrusões] é o título da quarta parte dessa obra de Greimas. Como vem nele expresso, os dois trabalhos que o compõem tratam de temas que não têm muita ligação com os anteriores e parecem mais dispersos no conjunto da obra. O primeiro texto intitula-se ‘Sur l’histoire événementielle et l’histoire fondamentale’, que consiste na reelaboração de uma comunicação apresentada durante o simpósio de Constance, *Geschichte und Geschichten*, em 1970, e publicado em 1973, em Munique; o segundo, ‘Réflexions sur les objets ethno-sémiotiques’, corresponde ao trabalho apresentado por Greimas durante a reunião do I Congresso Internacional de etnologia européia, em Paris, em 1971, e publicado na *Maisonnewe et Larose*,

em 1973. No primeiro, Greimas discute as diferenças entre literatura e história, procurando examinar o referente e os enunciados históricos. No segundo, apresenta uma crítica à ambiguidade do projeto da etnologia europeia, ressaltando a visão da semiótica sobre o folclore e o mito, com vistas à constituição de uma etno-semiótica e de uma sócio-semiótica.

Na quinta parte de sua obra, intitulada “Une discipline qui se cherche” [Um disciplina que se busca], Greimas registra o texto que havia escrito como conclusão das discussões realizadas durante o Simpósio Internacional sobre Literatura Técnica, ocorrido em Palermo, em 1970. Nesse texto, que se constitui como uma auto-crítica do fazer científico do grupo que estuda a semiótica, propõe construir as bases epistemológicas da semiótica discursiva e nele podemos identificar quatro questões centrais da visão de Greimas sobre o processo de construção dos estudos semióticos.

Em primeiro lugar, uma contraposição entre o procedimento gerativo e o procedimento interpretativo no que diz respeito ao processo de investigação do sentido dos textos. Para tanto, defende duas opções metodológicas que lhe parecem fundamentais: o percurso gerativo e o processo de segmentação do texto.

Para abordar o problema dos textos que possuem uma certa organização transfrástica, existem duas atitudes que correspondem, grosso modo, às tendências atuais da linguística. A abordagem gerativa consiste teoricamente em partir do que se considera como estruturas elementares e profundas do texto, para remontar, através das diferentes articulações da significação – e procurando explicitar suas regras – até a manifestação que aparece como texto redigido numa língua natural qualquer. A abordagem interpretativa, que lhe é paralela, leva em consideração o texto manifestado e procura dar conta dele através dos processos de descrição que visam à construção dos modelos e das metalinguagens, isto é, que procuram atingir definitivamente os níveis de abstração ou de profundidade cada vez mais afastados do texto, para encontrar nele as estruturas elementares que o comandam. (Greimas, 1981, p. 170)

Existem, de fato, duas segmentações possíveis: por um lado, a segmentação do texto como ele aparece em língua natural, a segmentação do discurso em suas partes constitutivas, e, por outro, a segmentação, também possível, do texto considerado como uma narrativa, em suas unidades narrativas. (Greimas, 1981, p. 171)

Em segundo lugar, para Greimas, é importante reafirmar o caráter científico da proposta metodológica da semiótica em oposição à noção de intuição que parece presente nos diferentes trabalhos produzidos pelo grupo de pesquisadores que se alinham ao seu projeto.

O problema da intuição pode ser agora reformulado de outra maneira: o que entendemos por intuição, na maioria das vezes, são apenas hipóteses de trabalho mais ou menos implícitas que conservamos para nós, sem interrogarmo-nos sobre seu valor. A grande tarefa – da ciência, em geral, e, mais particularmente, da semiótica

- é substituir progressivamente estas hipóteses de trabalho implícitas por modelos hipotéticos que conseguimos elaborar e que, seguros de sua forma lógica e escorados às vezes por algumas aplicações anteriores bem sucedidas, podem substituir a intuição. (Greimas, 1981, p. 177)

Em terceiro lugar, defende o adensamento da formalização da proposta teórico-metodológica da semiótica discursiva, de modo que ela se torne operatória.

No estágio da pré-formalização em que se encontra atualmente nossa pesquisa, uma coisa parece particularmente importante: é a necessidade de nos entendermos sobre o número e o estatuto estrutural dos níveis em que se pode situar a análise. [...] Colocar-se de acordo sobre os níveis de análise consiste, por conseguinte, em estabelecer as distinções entre problemáticas diferentes, em situar e em seriar os debates metodológicos particulares. (Greimas, 1981, p. 178)

Por último, Greimas propõe discutir a pertinência ou não do conceito de gênero para as pesquisas estruturais, uma vez que no decorrer de todo o simpósio que ele participa essa foi uma questão aprofundada e debatida por muitos dos trabalhos apresentados. Segundo Greimas, embora se possa reconhecer que uma classificação geral dos gêneros é impossível, conforme já havia apontado em *Maupassant* (1976), as diferentes propostas apresentadas naquela ocasião permitiram “esboçar uma posição provisória dos critérios de classificação” (p. 215)<sup>14</sup>. Assim, em suas considerações finais, o autor faz a seguinte colocação:

É com estas observações um tanto céticas que eu gostaria de terminar minhas conclusões: a problemática dos gêneros - de sua definição e de sua tipologia - aparece, afinal de contas, como o último objetivo de nossas análises. Na medida em que os critérios distintivos dos gêneros emergem ao mesmo tempo que os níveis ou os campos autônomos de análise que conseguimos reconhecer, pode-se dizer que os progressos da análise semiótica no seu conjunto aproximam-se ao mesmo tempo da elaboração da tipologia dos gêneros. (Greimas, 1981, p. 193)

O que se pode dizer é que, *Sémiotique et sciences sociales* é uma obra que aponta a necessidade de uma maior sistematização da proposta teórico-metodológica da semiótica discursiva, razão pela qual, três anos depois, em 1979, Greimas, em companhia de Joseph Courtés, publicará *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*.

Essa nova obra publicada por Greimas em parceria com Courtés tem, já no seu título em francês<sup>15</sup>, dois termos que merecem ser apontados. De um lado, a palavra “dictionnaire” que define o caráter da obra, pois ela é verdadeiramente um dicionário de termos utilizados por diferentes teorias da linguagem e, particularmente, de termos da semiótica discursiva. De outro lado, aparece a palavra “raisonné” (arrazoado),

cujo sentindo em português e em francês corresponde àquilo que está conforme com a razão, que é lógico, pertinente, adequado.

O fato de se tratar de um dicionário, remonta à formação primeira de Greimas, cuja área é a lexicografia. Isto é, no momento em que ele pretende uma maior sistematização da teoria semiótica, utiliza a técnica própria do lexicógrafo, que se transformara num semioticista, porque deixou de pensar no significado da palavra e passou a se preocupar com o sentido do texto, uma vez que este não corresponde a um simples aglomerado de palavras de significados distintos. Um texto não é a soma de múltiplos significados, mas um todo único e coerente que constrói um sentido que lhe é próprio. É preciso, porém, destacar que não se trata de um dicionário comum, preocupado simplesmente com o registro dos significados de diferentes vocábulos de uma língua. Ele não é linear como os outros, pois quem o consulta pode se valer de diferentes caminhos para realizar sua leitura. É possível ler cada termo na sequência em que é apresentado, ou seja, na ordem alfabética; é possível também partir de um termo e seguir as indicações para as quais o leitor é direcionado por meio da recomendação de outros termos ao final de cada entrada; é possível, ainda, partir da definição de um termo, recuperar todos os outros que estão marcados com asteriscos no interior da própria entrada, ao mesmo tempo que se pode ir às sugestões marcadas ao final, como se destacou na segunda possibilidade. Dessa forma, portanto, embora tenha as características de um dicionário, o que o coloca na categoria desse tipo de texto, pode, por sua vez, ser lido como um tratado teórico, dependendo da forma como o leitor realiza o seu percurso de leitura. Tal como “O jogo de amarelinhas”, de Júlio Cortázar, o dicionário arrazoado de Greimas e de Courtés, possibilita diferentes percursos narrativos de leitura, razão pela qual o leitor pode construir textos distintos.

Por se tratar de um dicionário arrazoado, por outro lado, remete ao fato de que ele se pretende lógico, adequado, o que indica o rigor científico por meio do qual Greimas propõe a construção da teoria semiótica. Fiorin, no prefácio da reedição brasileira do *Dicionário*, ocorrida em 2008, ressalta ainda outro aspecto dessa obra de Greimas e Courtés. Trata-se do fato de que a expressão “dictionnaire raisonné” faz referência à *Encyclopédie* de Diderot e D’Alembert, publicada entre 1751 e 1772, e também denominada *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Segundo Fiorin (2008, p. 7), “essa obra pretendia-se uma síntese de todos os conhecimentos produzidos até então e, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre eles”, tal como

<sup>14</sup> Tradução nossa para o trecho original: “d’esquisser un classement provisoire des critères des classification”.

<sup>15</sup> Na tradução para a língua portuguesa, o título dessa obra ficou apenas “Dicionário de semiótica”, como pode ser verificado na seguinte referência bibliográfica: Greimas, A. J.; Courtés, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Contexto, 2008.



## o *Dicionário de semiótica* de Greimas e Courtés

faz uma reflexão sobre os conceitos, inscreve-os no contexto teórico próprio, examina sua comparabilidade com outros e analisa a possibilidade de uma homologação entre eles. Ele tem uma direção teórica. Seu objetivo não é apresentar todo o conhecimento adquirido, mas enunciar problemas e circunscrever um campo de saber e de investigação. Faz uma síntese interpretativa do conhecimento em função da teoria que espousa. [...] é um esforço de balanço do estabelecimento da semiótica como campo do conhecimento. (Fiorin, 2008, p. 7)

Os próprios autores, no prólogo do dicionário, explicam as razões pelas quais produziram o dicionário e a opção de escrevê-lo nesse formato.

O dicionário que apresentamos pretende retomar, atualizando-as, certas reflexões sobre a problemática da linguagem e sintetizar, pelo menos parcialmente, certos esforços que têm por objetivo dar a esse campo de saber a forma de uma teoria coerente. (Greimas; Courtés, 2008, p. 11)

Com efeito, se há dois modos possíveis, o sintagmático e o paradigmático, para a apresentação de uma teoria, o discurso teórico parece ser, à primeira vista, a sua forma habitual mais apropriada. Ele requereria, contudo, um esforço de estratégia discursiva desproporcional em relação ao objetivo visado. Mais eficaz, a longo prazo, semelhante apresentação dificilmente poderia lidar com as pesquisas em desenvolvimento. Convencidos de que uma investigação científica só tem sentido se se torna objeto de uma pesquisa conjunta, dispusemo-nos a sacrificar a ela certa parcela da ambição de rigor e de coerência.

A forma do dicionário reúne as vantagens e as desvantagens da abordagem paradigmática e da apresentação descontínua. As vantagens são evidentes: permite o acesso imediato ao conjunto da terminologia em uso, torna mais fácil a ulterior introdução dos suplementos de informação que os programas das pesquisas não deixarão de carrear e, sobretudo, legítima a colocação lado a lado de segmentos metalinguísticos cujo grau de elaboração e de formulação é bastante desigual, justapondo definições rigorosas, exposições incompletas e indicações de domínios problemáticos, ainda inexplorados. O maior inconveniente está na dispersão alfabética do corpo dos conceitos, coisa que torna difícil controlar a coerência taxionômica que se supõe subjacente a eles. Esperamos, entretanto, que o duplo sistema de remissões que aqui se adota [...] acabe por manifestar, em filigrana, aquela que é nossa maior preocupação: contribuir mediante uma terminologia que alguns reputarão exageradamente sofisticada e até mesmo repulsiva – para a elaboração de uma metalinguagem conceitual rigorosa, condição necessária a qualquer teoria da linguagem para o seu ingresso na categoria de linguagem formal. (Greimas; Courtés, 2008, p. 11-12)

O que é importante ressaltar, por fim, em relação ao dicionário de semiótica, é que o seu aparecimento constitui um marco divisor para os avanços da proposta teórico-metodológica dos estudos em semiótica. Até então, o que se poderia identificar eram estudos

dispersos, realizados por diferentes pessoas que faziam parte do grupo que estudava e pensava a teoria, liderados por Greimas, ao mesmo tempo que existiam vários trabalhos realizados pelo próprio Greimas, como se verificou em *Du sens* (1970), *Sémiotique et sciences sociales* (1976) e como ainda será possível verificar em *Du sens II* (1983), que ainda não estava publicado. *Sémantique structurale* (1966) foi a obra que lançou as bases da proposta, razão pela qual não descreve totalmente a teoria, e *Maupassant* (1976) consistiu, como anuncia o próprio subtítulo (*La sémiotique du texte: exercices pratiques*), numa aplicação dos avanços da teoria, até então a um texto literário.

Deve-se destacar, além do mais, que, somente nesse dicionário escrito por Greimas e Courtés em 1979, o percurso gerativo de sentido ganha um formato mais acabado e seu esquema tem uma configuração mais completa, como se verifica no verbete Gerativo (percurso). A partir desse dicionário os pesquisadores em semiótica darão continuidade ao projeto e novos rumos serão estabelecidos para o desenvolvimento da teoria.

Quatro anos depois de o dicionário vir a público, Greimas lança o volume II de *Du sens*<sup>16</sup>, algarismo esse cujo próprio autor afirma, na introdução, ter inserido no título depois de muita hesitação. Na realidade, o que ele considera no texto de abertura é que os ensaios que o leitor encontra no volume refletem o desejo do autor de se manter leal ao projeto de construção do modelo semiótico, ao mesmo tempo que propõe mudanças. O desejo de mudança, porém, não significa um rompimento com o que veio antes, mas um retragar do percurso, razão pela qual permanece fiel aos propósitos iniciais.

Essa sétima obra escrita por Greimas, se considerarmos as teses de estado, porque não estavam publicadas até antes de seu falecimento, reúne onze ensaios escritos ao longo de dez anos, entre 1973 e 1983. O segundo volume de *Du sens* apresenta a etapa de desenvolvimento do percurso gerativo, dando-se especial ênfase à sintaxe do nível narrativo.

Segundo Barros (2014), que escreve o prefácio da edição brasileira dessa obra de Greimas, os onze textos agrupam-se em quatro conjuntos. O primeiro deles é responsável, segundo a autora, pelo início da sintaxe narrativa propriamente dita, e corresponde aos textos: “Un problème de sémiotique narrative: les objets de valeur” [Um problema de semiótica narrativa: os objetos de valor], publicado originalmente na revista *Langage*, em 1973; “Les actants, les acteurs et les figures” [Os actantes, os atores e as figuras], publicado inicialmente na coletânea organizada por Chabrol e Coquet, intitulada *Sémiotique narratif et tex-*

<sup>16</sup> Edição em português: Greimas, A. J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin/Edusp, 2014.

tuel, em 1973; “Description et narrativité: à propos de ‘La ficelle’ de Guy de Maupassant” [Descrição e narratividade: a propósito de ‘O barbante’ de Guy de Maupassant], originalmente publicada na *Revue canadienne de linguistique*, em 1973; “La soupe au pistou ou la construction d’un objet de valeur” [A *soupe au pistou* ou a construção de um objeto de valor], inicialmente publicado no *Documents de recherche du groupe de recherches sémio-linguistiques*, em 1979; “Des accidents dans les sciences dites humaines” [Sobre as acidentes nas ciências ditas humanas], publicado originalmente em *Introduction à l’analyse du discours en sciences sociales*, em 1979, e em que analisa um texto de Georges Dumézil.

Os três primeiros, escritos em 1973, são os que mais caracteristicamente podem ser considerados como aqueles que propõem as bases da sintaxe narrativa, sendo que o terceiro dentre eles é novamente uma aplicação da proposta teórico-metodológica da semiótica à análise de um texto literário. Os outros dois textos incluídos nesse primeiro grupo, publicados seis anos mais tarde que os anteriores, embora enfatizem os elementos da sintaxe narrativa, correspondem à análise de dois outros tipos de texto: uma receita de cozinha e o prefácio de um texto científico. Na realidade eles respondem a uma intenção de demonstrar a abrangência do modelo semiótico, capaz de dar conta de qualquer tipo de texto, incluindo, inclusive, uma receita de cozinha. Essa análise da sopa de feijão ao pesto tornou-se famosa na história dos estudos semióticos, pois ressalta o aspecto injuntivo do texto de receita culinária, que funciona à maneira de um manual de instruções para a execução de um objeto.

O segundo conjunto de textos que compõem o segundo volume de *Du sens* abre o caminho da modalização da sintaxe narrativa pelo exame da competência modal do sujeito e pelo estudo da manipulação. Dois são os textos que pertencem a esse grupo: “Pour une théorie des modalités” [Para uma teoria das modalidades], publicado originalmente na revista *Langages*, em 1976, e “Le défi” [O desafio], inicialmente publicado no *Bulletin du groupe de recherches sémio-linguistiques*, em 1982. Segundo Barros (2014),

... muitas são as conseqüências da passagem a uma sintaxe narrativa modal, tanto para a economia interna da teoria e para a extensão de seu âmbito de aplicação, quanto para o alargamento dos diálogos com outros campos teóricos, tais como os da comunicação, da interação entre sujeitos, das relações intersubjetivas, da argumentação. (p. 13)

Os textos que compõem o terceiro conjunto dessa obra de Greimas são os seguintes: “De la modalisation de l’être” [Sobre a modalização do ser], publicado inicialmente no *Bulletin du Groupe de Recherches Sémio-linguistiques*, cuja data não é informada; e “De la colère. Étude de sémantique lexicale” [Sobre a cólera. Estudo

de semântica lexical], que aparece no *Documents de recherche du groupe de recherches sémio-linguistiques*, em 1981. Esses dois textos aprofundam os aspectos da construção de uma sintaxe narrativa modal e introduzem, principalmente no caso do segundo, a proposta da semiótica das paixões, apontando o caminho para o exame da sensibilização passional e das estruturas sensoriais dos discursos.

Dois outros ensaios constituem o quarto conjunto de textos do volume II de *Du sens*: “Le contrat de vérité” [O contrato de veridicação], ensaio que sai publicado em *Man and world*, em 1980; e “Le savoir et le croire: un seul univers cognitif” [O saber e o crer: um únicouniverso cognitivo], o ensaio escrito para a coletânea de *Du sens II*, de 1983. Esses textos apontam para o fato de que o conjunto do esquema narrativo é dominado pela dimensão cognitiva dos discursos e por sua estrutura contratual, ao mesmo tempo em que tratam a verdade e a falsidade como efeitos de sentido.

Tomando, assim, o conceito de eficácia, que, na condição de constituição do sentido, substitui o conceito de verdade, Greimas afirma o seguinte na conclusão da introdução de *Du sens II*:

Aplicada às nossas preocupações atuais, a eficácia ganha o nome, que tomamos emprestado de Lacan, de *comunicação assumida*. De fato, se a comunicação não é uma simples transferência de saber, mas um empreendimento de persuasão e de interpretação situado no interior de uma estrutura polêmico-contratual, ela está fundada na relação fiduciária dominada pelas instâncias mais explícitas do fazer-crer e do crer, em que a confiança nos homens e em seu dizer conta certamente mais que as frases «bem feitas» ou que a verdade concebida como uma referência exterior.

Para a semiótica comunicacional assim compreendida, a verdade e seus valores se situam no interior do discurso onde representam um dos campos de articulação modal, o do saber. (Greimas, 2014, p. 27-28)

Dois anos após a publicação de *Du sens II*, é lançado, em 1985, o livro de Greimas intitulado *Des dieux et des hommes: études de mythologie lithuanienne* [Os deuses e os homens: estudos de mitologia lituana]. De forma distinta das obras anteriores – com exceção, evidentemente, do dicionário do francês antigo, de 1969 –, essa obra não apresenta desenvolvimento teórico da proposta metodológica da semiótica. Embora faça referência a várias narrativas mitológicas, ora apresentadas em partes, ora na íntegra, como é o caso do conto “Le soleil et la mère des vents” [O sol e a mãe dos ventos], examinado no segundo capítulo do livro, sua abordagem destaca de forma mais intensa os aspectos sociais, históricos, folclóricos e ideológicos que investiga propriamente o sentido dos textos, por meio do modelo teórico-metodológico da semiótica. Segundo afirma na abertura do prefácio da edição francesa do livro, trata-se de um estudo que já vinha sendo realizado há quinze anos, fruto de leituras históricas e folclóricas, com que procurou realizar um inventário

e uma classificação de material do folclore lituano e apresentá-lo na forma de ensaio. Trata-se, segundo Greimas (1985, p. 7), dos “primeiros resultados de um trabalho incerto, que procurava começar a desbravar uma terra por muito tempo incógnita”<sup>17</sup>.

Na introdução dessa obra, o autor justifica o título que lhe é dado e a orientação metodológica a partir da qual ela é constituída. Ao falar da mitologia lituana, parte dos trabalhos de George Dumézil e de Claude Lévi-Strauss. Do primeiro destaca a perspectiva que consiste em abordar a mitologia como ideologia e do segundo, a mitologia como filosofia da cultura. E será a partir da perspectiva de Dumézil que surgirá o título de seu livro que coloca lado a lado os deuses e os homens. Ao afirmar a proposta de Dumézil, que consiste em examinar a mitologia pelo viés ideológico, Greimas (1985, p. 11) assinala: “O ponto de partida de G. Dumézil é muito simples: é a afirmação da correspondência entre o mundo divino e o mundo humano, não sendo aquele, em certo sentido, senão um reflexo deste, de sua organização, suas tensões e suas orientações fundamentais”<sup>18</sup>.

Embora reporte-se a vários textos mitológicos da cultura báltica, mais especificamente da tradição lituana, essa obra não se constrói, por exemplo, como as de 1976, em que são apresentadas análises semióticas de um texto literário, de um texto jurídico ou de um texto científico. O trabalho realizado por Greimas nesse livro consiste em recolher um grande material do folclore lituano, reunindo narrativas orais e escritas, segundo um viés etnológico e histórico da cultura. Por tal razão é que essa obra de Greimas é raramente citada e desperta pouco interesse para aqueles que desejam estudar a perspectiva teórico-metodológica da semiótica discursiva ou que propõem dar continuidade aos estudos semióticos.

Ao retornar para seu projeto de construção de uma semiótica do discurso, em 1987, Greimas lança um pequeno livro, num formato pouco usual para as obras acadêmicas. Ao invés de ter o formato retangular em que as dimensões à direita e à esquerda são maiores que as das partes superior e da inferior (22x15cm.), o livro que trata da imperfeição é quadrado, portanto, com todos os lados, à direita, à esquerda, à cima e à baixo, na mesma dimensão (18x18cm.). Além disso,

não é publicado por uma editora mais acadêmica e de maior prestígio editorial, como Éditions Du Seuil ou Presses Universitaires de France, ambas de Paris, onde normalmente eram lançadas suas obras. O novo livro sai pela Pierre Fanlac, uma editora da pequena comuna de Périgueux, do departamento da Dordonha, na região sudoeste da França.

*De l'imperfection* (1987)<sup>19</sup>, título dessa penúltima obra escrita por Greimas, é, até nossos dias, um livro enigmático e sujeito a opiniões diversas. Segundo alguns de seus leitores, trata-se de uma obra que foge do escopo do projeto de construção da semiótica discursiva, pois não segue o padrão do rigor científico do autor com que sempre procurou estabelecer e definir conceitos teóricos precisos. Segundo esse grupo, tratou-se de um projeto mais poético e subjetivo de Greimas, orientado pela exposição da emoção e não da razão, diferentemente do que foi a tônica de suas obras anteriores. A dedicatória do livro (Pour – et avec – Teresa) parece apontar para essa configuração da obra. De acordo com outros leitores, porém, *De l'imperfection* [Da imperfeição] é a retomada da filiação da proposta da semiótica discursiva à fenomenologia, na medida em que entende, para a apreensão do sentido, não se dever levar em consideração apenas o aspecto inteligível, mas também o sensível. Esse ponto de vista já está marcado em sua obra de 1966, com que inaugura o projeto semiótico, com o livro *Sémantique structurale*.

É com conhecimento de causa que propomos considerar a percepção como o lugar não linguístico em que se situa a apreensão da significação. Assim fazendo, temos de imediato a vantagem e o inconveniente de não poder estabelecer, em seu estatuto peculiar, uma classe autônoma de significações linguísticas, suspendendo no mesmo gesto a distinção entre a semântica linguística e a semiologia saussuriana. Mesmo reconhecendo nossas preferências subjetivas pela teoria da percepção tal como, não faz muito tempo, foi desenvolvida na França por Merleau-Ponty, assinalaremos que essa atitude epistemológica parece ser também a das ciências humanas do século XX em geral: para mencionar apenas o que é particularmente evidente, assistiu-se à substituição da psicologia das «faculdades» e da introspecção pela psicologia da forma e do comportamento. Vê-se também que hoje a explicação dos fatos estéticos situa-se, de preferência, no âmbito da percepção da obra, e não mais no da exploração do gênio ou da imaginação. Tal atitude, portanto, por mais que seja provisória, parece rentável em nossa época histórica: é difícil imaginar outros crité-

<sup>17</sup> Tradução nossa para o trecho original: “[...] les premiers résultats d'un travail incertain, cherchant à tracer quelques sillons dans la terre depuis longtemps laissée en jachère”.

<sup>18</sup> Tradução nossa para o trecho original: “Le point de départ de G. Dumézil est très simple: c'est l'affirmation de la correspondance entre le monde divin et le monde humain, le monde divin n'étant, dans un certain sens, que le reflet du monde humain, de son organisation, de ses tensions et de ses visées fondamentales”.

<sup>19</sup> Edição em português: Greimas, A. J. *Da imperfeição*. Tradução e prefácio de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

<sup>20</sup> Para este trecho preferimos recorrer a uma tradução nossa do original: “C'est en connaissance de cause que nous proposons de considérer la perception comme le lieu non linguistique où se situe l'apprehension de la signification. En le faisant, nous en retirons immédiatement l'avantage et l'inconvénient de ne pas pouvoir établir, dans son statut particulier, une classe autonome des significations linguistiques, suspendant ainsi la distinction entre la sémantique linguistique et la sémiologie saussurienne. Tout en reconnaissant nos préférences subjectives pour la théorie de la perception telle qu'elle a été naguère développée en France par Merleau-Ponty, nous ferons remarquer cependant que cette attitude épistémologique semble être aussi celle des sciences humaines du xxe siècle en général: on a vu

rios de pertinência aceitáveis por todos. (Greimas, 1966, p. 8-9)<sup>20</sup>

O opúsculo publicado por Greimas, em 1987, abre com a afirmação de que o parecer, por que imperfeito, é a única possibilidade do vivível, base da condição humana. No fechamento dessa obra, por meio da referência ao apelo de Goethe no final da vida (*Mehr Licht!*), afirma que, uma vez identificada a passagem da insignificância para o sentido por meio da imperfeição, só resta a inocência, o sonho de retorno às origens e a espera da estesia e do deslumbramento.

Balizado por essas reflexões intimistas e que propõem afirmar a imperfeição do sentido, Greimas organizará seu livro em duas partes. Na primeira, denominada “La fracture” [A fratura], discutirá os efeitos de sentido do fazer estético a partir da relação entre sujeito e objeto. O primeiro momento é o da disjunção, isto é, o que precede a relação entre os dois. O segundo, a conjunção, qual seja, a fusão entre o sujeito e o objeto. O terceiro momento, o retorno à disjunção. Nessa primeira parte da obra, composta por cinco curtos capítulos, ele examina diferentes textos, ou fragmentos de textos. No primeiro, “L’éblouissement” [O deslumbramento], analisa passagens do livro *Vendredi ou les limbes du pacifique* [Sexta-feira ou os limbos do pacífico], de Michel Tournier; no segundo, “Le guizzo” [O guizzo], trata do conto *Palomar*, de Ítalo Calvino; no terceiro, “L’odeur du jasmin” [O odor do jasmim], comenta o poema *Übung am Klavier* [Exercícios ao piano], de Paul de Man; no quarto, “La couleur de l’obscurité” [A cor da obscuridade], discute trechos da obra de Tanizaki Junichiro, intitulada *Eloge de l’ombre* [Elogia da sombra]; no quinto e último capítulo, “Une main une joue” [Uma mão uma face], examina o conto de Julio Cortázar, *Continuidad de los parques* [Continuidade dos parques]. Na segunda parte do livro, intitulada “Les échappatoires” [As escapatórias] e constituída por três também pequenos capítulos, apresentam-se: “Immanence du sensible” [Imanência do sensível], “Une esthétique forclosée” [Uma estética exaurida] e “L’attente de l’inattendu” [A espera do inesperado], a partir dos quais Greimas discutirá, respectivamente, a questão da figuratividade, a apreciação estética e apreensão do tempo.

Como apontado inicialmente, embora se volte para a investigação do sentido, essa obra de Greimas desenvolve a perspectiva semiótica para o tratamento das questões de estética, enfatizando a dimensão sensível da significação. Estava dado o passo para a ques-

tão das paixões que se concretizaria de forma mais sistematizada na obra que viria a seguir.

Por fim, a última obra lançada por Greimas, em 1991, agora em co-autoria com Jacques Fontanille, é *Sémiotique des passions*<sup>21</sup>. Nesse livro, o que está em jogo é o investimento dos elementos que constituem o nível discursivo do texto, enquanto lugar de manifestação das estruturas narrativas, tanto do ponto de vista das ações, o fazer, quanto das paixões, o ser. Mais especificamente, o livro irá explorar os elementos passionais do discurso decorrentes da transformação da modalização do ser no nível imediatamente inferior a ele, no percurso gerativo do sentido, qual seja, o narrativo. É dessa forma que Greimas e Fontanille iniciam o capítulo primeiro, no qual apresentam as bases da epistemologia das paixões:

As paixões aparecem no discurso como portadoras de efeitos de sentido muito particulares; ele exala como que um cheiro confuso, difícil de determinar. [...] Uma primeira constatação impõe-se: a sensibilização passional do discurso e sua modalização narrativa são co-ocorrentes, não se compreendem uma sem a outra, e, no entanto, são autônomas, submissas provavelmente, ao menos em parte, a lógicas diferentes.

Em segundo lugar, captar os efeitos de sentido globalmente como «cheiro» dos dispositivos semionarrativos postos em discursos é reconhecer, de certa maneira, que as paixões não são propriedades exclusivas dos sujeitos (ou do sujeito), mas propriedades do discurso inteiro, e que elas emanam das estruturas discursivas pelo efeito de um «estilo semiótico» que pode projetar-se seja sobre os sujeitos, seja sobre os objetos, seja sobre sua junção. (Greimas; Fontanille, 1993, p. 21)

Para tratar das paixões, portanto, a teoria deverá reconhecer que não há mais simplesmente oposições binárias estanques que se desdobram nos programas, percursos e esquemas narrativos próprios da ação. Essas oposições se refletem na configuração do ser, para, em seguida, manifestarem-se na instância do discurso. Dessa forma, a semiótica passa a prever o horizonte tensivo a partir do qual o sentido é engendrado no discurso. O que está em jogo é, pois, a dimensão estética, tal como já apontava Greimas quando tratou da imperfeição em sua obra anterior.

A tensão em direção a um, essa ameaça - ou a esperança - do retorno ao estado fusional abre duas possibilidades que merecem ser assinaladas. Primeiramente, a concepção da estese como «ressentir» do estado-limite e espera do retorno à fusão, repousando sobre a fúria, permite prever, no nível discursivo, a existência de uma *dimensão estética*. A dimensão passional, construída sobre a fúria, como sua precondição e visando sua manifestação, teria como contrapartida a dimensão estética, que,

ainsi, pour ne citer que ce qui est particulièrement frappant, la psychologie de la forme et du comportement se substituer à la psychologie des «facultés» et de l’introspection. On voit aussi que l’explication des faits esthétiques se situe actuellement davantage au niveau de la perception de l’œuvre, et non plus à celui de l’exploration du génie ou de l’imagination. Une telle attitude, par conséquent, même si elle n’est que provisoire, apparaît, à l’époque historique qui est la nôtre, comme rentable : il est difficile d’imaginer d’autres critères de pertinence acceptables par tous».

<sup>21</sup> Greimas, A. J.; Fontanille, J. *Semiótica das paixões*. Dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

quanto a ela, repousaria na eventualidade – expectativa ou nostalgia – de retorno à pro-tensividade fórica, ao universo indiferenciado postulado como precondição de toda significação. (Greimas; Fontanille, 1993, p. 30)

Em linhas gerais, sem querer, neste espaço, reconstituir toda a proposta da semiótica das paixões apresentada nessa última obra de Greimas em conjunto com Fontanille, o que se deve registrar é que, nesse momento, por meio da exploração da modalização do ser, responsável pela configuração semântica do nível narrativo do percurso gerativo de sentido, o nível discursivo ganha um contorno mais bem definido e a semiótica passa a se voltar para questões inicialmente deixadas de lado, por não terem importância naquele momento do processo de construção de sua proposta teórico-metodológica. Uma dessas questões é a retórica, para citar apenas uma, que passa a ser encarada de outra maneira no contexto da evolução da semiótica discursiva.

O segundo e o terceiro capítulos que compõem essa obra de Greimas e Fontanille irão se dedicar à análise de duas manifestações passionais, a avareza e o ciúme. Para abordá-las, os autores recorrerão ao exame de suas manifestações em diferentes discursos literários, principalmente nos de Shakespeare, Racine e Proust.

Para finalizar a exposição desta última obra de Greimas ainda em vida, que tem uma importância decisiva para os novos rumos que a semiótica discursiva passa a traçar, constituindo-se num novo marco divisor no caminho traçado pela proposta teórico-metodológica da semiótica, é interessante observar o que seus autores afirmam na conclusão da obra, como forma de fechar aqui essa breve retomada.

Confusões, é verdade, são às vezes difíceis de evitar; em todo caso, é a percepção como interação do homem e de seu meio ambiente que é a pedra de toque em nossos esforços para compreender o mundo do sentido comum e que é o corpo próprio que permite a esse mundo o acesso ao universo do sentido. Corpo que sente, que percebe, que reage; corpo que mobiliza todos os papéis esparsos do sujeito, em um enrijecimento, um sobressalto, um transporte. Corpo como barragem e parada, conduzindo à somatização, dolorosa e feliz, do sujeito, mas também lugar de trânsito e de patemização que controla a abertura para os modos de existência semiótica.

Se ainda cremos no velho adágio segundo o qual é ponto de vista solidamente mantido que constitui um domínio qualquer em «disciplina» e lhe confere o *status* de objeto de pesquisa, é mesmo esse espaço semiótico povoado de formas cognitivas patemizadas, em que o racional e o irracional se fundiram em racionalidades diversas e em configurações patêmicas múltiplas, que é o lugar homogêneo de nossas explorações. (Greimas; Fontanille, 1993, p. 293)

O que se pretendeu neste artigo que se insere no contexto de publicação de um número especial da revista *Estudos Semióticos*, em comemoração aos 100 anos que Algirdas Julien Greimas faria em 2017,

foi traçar o percurso da semiótica discursiva por ele pensada nas diferentes obras que publicou em vida.

Existe ainda o segundo volume de *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, publicado em 1986, cuja autoria é a ele e a Courtés atribuída, mas não o incluímos aqui porque, embora tenhamos consciência de que o que nele está registrado tenha sido tema de muitos debates e de muitas reflexões que permearam as diferentes reuniões do grupo de estudos de semiótica dirigido por Greimas durante muitos anos na França, trata-se, na verdade, de uma obra coletiva, escrita por 40 pessoas, dentre elas Greimas e Courtés. Partindo do primeiro dicionário de semiótica, esses estudiosos apresentaram inserções nos diferentes verbetes que consistiram em complementos, discussões, propostas e até novos verbetes. Em verdade, o segundo dicionário depende da leitura do primeiro, uma vez que consiste numa expansão ou em uma modificação do que ali havia sido inicialmente registrado, tendo em vista os avanços das pesquisas em semiótica discursiva.

Resta, por fim, aqui dizer que, ao pensarmos uma forma de homenagear um autor que teve e ainda tem grande importância para os estudos do discurso e da significação, o caminho escolhido foi o de seguir os registros de seu pensamento e de suas propostas ao longo das obras que nos deixou. Não pretendemos, contudo, devemos repetir, fazer uma apresentação exaustiva e aprofundada de todos os seus textos porque isso ultrapassaria o espaço de um artigo em periódico científico. Se este texto conseguir guiar seus leitores no trajeto que a semiótica do discurso traçou ao longo dos anos de vida de Greimas e neles despertar o interesse por uma proposta teórico-metodológica de tal envergadura e rigor científico, terá certamente cumprido seu papel.

Restaria, como projeto futuro, resgatar os trabalhos realizados até os dias atuais por outros autores, que participaram do projeto de Greimas e que com ele colaboraram, para entendermos a evolução e os desdobramentos da semiótica, uma vez que sempre foi pensada como um projeto coletivo. Seria possível, inclusive, verificar como em diferentes países e em distintas regiões produziram-se vertentes diferenciadas da mesma semiótica esboçada por Greimas em 1966. ●

## Referências

Barros, Diana Luz Pessoa de. 2014. Prefácio. In: Greimas, A. J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin/Edusp. pp. 11-16.

- Fiorin, José Luiz.  
2008. Prefácio. In: Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Contexto. pp. 7-10.
- Greimas, Algirdas Julien.  
1966. *Sémantique structurale: recherche de méthode*. Paris: Larousse.
- Greimas, Algirdas Julien.  
1969. *Dictionnaire de l'ancien français jusqu'au milieu du XIV<sup>e</sup> siècle*. Paris: Larousse.
- Greimas, Algirdas Julien.  
1970. *Du sens*. Essais de sémiotiques. Paris: Du Seuil.
- Greimas, Algirdas Julien.  
1976a. *Maupassant*. La sémiotique du texte: exercices pratiques. Paris: Du Seuil.
- Greimas, Algirdas Julien.  
1976b. *Sémiotique et sciences sociales*. Paris: Du Seuil.
- Greimas, Algirdas Julien.  
1981. *Semiótica e ciências sociais*. Trad. Álvaro Lorenzini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix.
- Greimas, Algirdas Julien.  
1983. *Du sens II*. Essais sémiotiques. Paris: Du Seuil.
- Greimas, Algirdas Julien.  
1985. *Des dieux et des hommes: études de mythologie lithuanienne*, Paris: PUF.
- Greimas, Algirdas Julien.  
1987. *De l'imperfection*, Périgueux: Pierre Fanlac.
- Greimas, Algirdas Julien.  
2000 [1948]. *La mode en 1830*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph.  
1979. *Sémiotique*. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques.  
1991. *Sémiotique des passions: des états de choses aux états d'âme*. Paris: Éditions du Seuil.
- Saussure, Ferdinand de.  
2005 [1916]. *Cours de linguistique générale*. Genève: Arbre d'Or.
- Saussure, Ferdinand de.  
1975. *Curso de linguística geral*. Trad. José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Cortina, Arnaldo

Le parcours de la sémiotique par voie de l'œuvre de Greimas

*Estudos Semióticos*, vol. 13, n. 2 (2017)

ISSN 1980-4016

---

**Résumé:** *Rendant hommage à Greimas, auteur dont chacun reconnaît aujourd'hui l'importance pour les études du discours et de la signification, le présent article prend le parti de suivre les cheminements de sa pensée à travers les œuvres majeures de sa bibliographie. Sans prétendre à l'exhaustivité, on voudrait simplement présenter au lecteur le trajet décrit par le Lithuanien au fil de sa carrière intellectuelle, dans l'espoir de susciter de l'intérêt pour l'envergure et pour la rigueur scientifique des propositions du fondateur de l'École sémiotique de Paris.*

**Mots-clés:** *Greimas ; sémiotique ; parcours bibliographique ; épistémologie*

---

### Como citar este artigo

CORTINA, Arnaldo. Percurso da semiótica por meio das obras de Greimas. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017, p. 37-50. Disponível em: ( [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) ). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 24/09/2017

Data de sua aprovação: 30/10/2017

---